

O percurso heróico de Dorothy

letrônica

Anna Faedrich Martins*

Nunca estamos realmente sozinhos
quando temos a nós mesmos.

Quando as pessoas têm a coragem
de lutar por si mesmas,
elas podem mudar seus mundos.
Carol Pearson

O conto de fadas *O Mágico de Oz* é considerado um conto clássico, pois apresenta a estrutura tradicional do conto maravilhoso. A estrutura narrativa tradicional dos contos de fadas inicia sempre de modo realista, a partir do mundano e do simples, isto é, de uma situação real, mas um tanto problemática (cf. BETTELHEIM, 1979, p.78). Na sua seqüência, o conto arremessa-se em situações fantásticas, nas quais os acontecimentos reais tornam-se importantes pelo significado simbólico que a criança lhes atribui, uma vez que o conto de fada ajuda a criança mostrando como uma clareza superior pode emergir de toda esta fantasia. No final, o conto devolve a criança à realidade, o herói volta à realidade feliz, destituída de mágica. Assim, podemos dizer que a história real e o conto de fadas nutrem a personalidade racional e emocional da criança.

A situação inicial em *O Mágico de Oz* advém da realidade, em que o conflito também é real: a heroína Dorothy não está de acordo com a realidade “cinza” na qual vive no Kansas. O ambiente familiar de Dorothy é triste, árduo e sem cor. Ao contrário da menina, que é uma criança alegre, ‘colorida’, cheia de vida. Dorothy é, sem dúvida, a heroína desse conto. Ela

* Anna Faedrich Martins possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é mestranda em Teoria da Literatura e bolsista CNPQ pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Participa do projeto de pesquisa “Espaços Circunscritos e subjetividade: estudos sobre a formação do romance de introspecção no Brasil (1888-1930)”, orientado pela professora Dr. Ana Maria Lisboa de Mello.

realiza a sua travessia interior de amadurecimento e, ao mesmo tempo, realiza uma travessia externa, que modifica o mundo ao seu redor. A menina é o centro da história. Segundo Joseph Campbell, herói é aquele que “conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (2007, p.28). Ao longo da análise aqui proposta sobre o percurso heróico de Dorothy, a sua condição de heroína tornar-se-á mais clara e evidente.

A heroína, através do imaginário, sai de seu ambiente ‘civilizado’, partindo para o espaço do maravilhoso, a Terra de Oz. Esse espaço é o oposto daquele no qual ela vivia. Nele, coisas estranhas acontecem, é tudo muito cheio de cor, existem bruxas – boas e más -, mágicos, pessoas diferentes, paisagem bonita, etc. O processo de solução está no nível da magia e da fantasia, situado no espaço trans-real, isto é, um espaço criado pela imaginação, repleto de elementos do maravilhoso (Capuz de Ouro, Sapatinhos de Prata da Bruxa Má, marca da Proteção do Bem na testa de Dorothy, os macacos alados, etc).

O processo de solução no conto, realizado no mundo da fantasia, é instrumento intermediário entre os dois pólos da realidade. É através da fantasia que se dá o funcionamento da criança. As explanações realistas, segundo Bruno Bettelheim, são incompreensíveis para as crianças, pois elas vivenciam e compreendem o mundo subjetivamente (1979, p.63). As estórias de fadas e os mitos respondem questões eternas: o que é realmente o mundo? Como viver minha vida nele? Como ser eu mesmo?. Entretanto, os mitos apresentam respostas taxativas e os contos de fadas respostas sugestivas (cf. BETTELHEIM, 1979, p.59-63). Dessa forma, é através desse tipo de conto que as crianças pensam e experimentam o mundo, pois eles fornecem respostas fantásticas a questões mobilizadoras e abdicam das explanações científicas e do pensamento objetivo, como os raciocínios e pontos de vista adultos. As estórias de fadas apresentam a visão de mundo de acordo com a da criança e podem transformar uma vida insuportável numa outra digna de ser vivida: “a criança não necessita manter secretos seus sentimentos sobre o que se passa no conto de fadas ou sentir-se culpada por gostar desses pensamentos” (1979, p.73).

O desfecho concretiza-se, novamente, no real, devolvendo, assim, o leitor à realidade destituída de fantasia. Dorothy volta ao Kansas e, retornando da viagem, os Sapatinhos Prateados desaparecem, marcando assim, a sua volta ao mundo concreto da realidade: “Dorothy levantou-se e notou que estava só de meias. Os Sapatos de Prata caíram quando ela voava e perderam-se no deserto para sempre” (BAUM, 2000, p.143).

Ao verificarmos que o processo de solução do conto de fadas tradicional realiza-se na esfera da magia e da fantasia, é interessante observar os apontamentos que Bruno Bettelheim faz em relação a suspensão da lógica e da causalidade presente nesse tipo de narrativa. Ele observa que o tempo da fantasia é o pretérito imperfeito, tempo verbal dos contos infantis, e que os inícios dos contos (“Era uma vez...”, “Num certo país...”, “Há mil anos atrás...”) sugerem que o que segue não pertence ao aqui e agora: “a indefinição deliberada do início dos contos simboliza que estamos deixando o mundo concreto da realidade comum” (BETTELHEIM, 1979, p.78).

Dessa forma, a cada início de leitura, estabelece-se um pacto entre o leitor e a história a ser lida, pois a literatura é um jogo no qual entramos no mundo da fantasia e obedecemos a regras mesmo que, no fundo, saibamos que é mentira. O intercâmbio entre realidade e fantasia agrada e instruí em termos que falam diretamente às crianças, colocando ordem no caos interno da mente, de modo a poder-se entender melhor. Segundo Bettelheim, “os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana” (1979, p.59).

Joseph Campbell observa que o percurso padrão do herói “é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação – iniciação – retorno*” (2007, p.36). Aproxima-se, então, do apontamento de Bruno Bettelheim aqui levantado, em que os contos de fadas partem de uma situação real, a qual leva o herói a um afastamento do mundo, arremessando-se, por sua vez, em situações fantásticas, “uma penetração em alguma fonte de poder” (CAMPBELL, 2007, p.40), e devolvendo a criança à realidade através do retorno do herói que, conforme Campbell, enriquece a vida.

A trajetória heróica a ser analisada é aquela que Dorothy percorre em *O Mágico de Oz*. A intenção é observar como se dá o ritual de passagem da heroína, que passa por uma situação de iniciação – do ‘não conhecer’ ao conhecer -, uma vez que Dorothy sai de uma condição inicial, passa por uma experiência e chega à outra condição. Através dessa jornada heróica, ela se conhece e se fortalece, pois a trajetória é, ao mesmo tempo, externa e interna. O movimento interno é uma busca de si mesmo, e o movimento externo é uma descoberta do mundo. Ao descobrir a si própria e mudar o seu interior, ela muda a sociedade, o mundo exterior. Através do exercício de seu caminho, ela ajuda a coletividade, pois ao fazer a sua trajetória, tudo em volta dela muda, a mudança interna resulta numa mudança externa. O herói muda e a sociedade muda.

A situação inicial do conto passa-se em meio às grandes campinas do Kansas, onde Dorothy, menina órfã, mora com o tio Henrique, fazendeiro, e tia Ema, sua mulher. Esta é uma situação real de carência total, ou seja, carência material e emocional:

A casa deles era pequena, porque os toros de madeira com que foi construída tiveram que ser carregados em carroças, por muitas milhas. A casa tinha quatro paredes, assoalho e telhado, que formavam um cômodo. Nesse cômodo havia um fogão enferrujado, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. Num canto ficava a cama do tio Henrique e da tia Ema, no outro, a cama de Dorothy. (BAUM, 2000, p.9)

Com o passar do tempo, tudo em Kansas foi ficando cinza, tanto a paisagem natural como as pessoas:

O sol tinha cozido a terra arada transformando-a numa massa cinzenta e gretada. Nem mesmo a grama era verde, pois o sol queimara as longas folhas até elas ficarem da mesma cor cinza que havia em toda a parte. A casa fora pintada uma vez, mas o sol queimara a pintura, cobrindo-a de bolhas; as chuvas lavaram-na, e agora a casa estava tão desbotada e cinzenta como tudo mais. (BAUM, 2000, p. 9-10)

A descrição da tia Ema, que sofrera transformações desde que chegara ao Kansas, e do tio, que não sabia o que era alegria, demonstra uma realidade inicial problemática, espaço onde vive a nossa heroína e de onde ela se afasta mais tarde a fim de “enfrentar o seu dragão”. A cor cinza é muito recorrente neste início, simbolizando uma vida sem cores, sem alegria:

Quando tia Ema chegou para morar ali, era uma mulher jovem e bonita. O sol e o vento também a transformaram. Eles tiraram o brilho de seus olhos, que ficaram de um cinza suave; tiraram ainda o vermelho de suas faces e lábios, que também ficaram cinzentos. Ela era magrinha e fraca, e agora não nunca ria [...] Tio Henrique não ria nunca. Ele trabalhava duro de manhã à noite e não sabia o que era alegria. Também ele era cinza, desde as longas barbas até as botas rústicas. Tinha uma aparência séria e severa, e raramente falava. (BAUM, 2000, p.10)

Dorothy destoava do ambiente em que vivia. Ela tinha voz alegre, gostava de brincar e achar graça das coisas. Tais atitudes assustavam a tia Ema, acostumada que estava com o cinza predominante. O cachorrinho de Dorothy também não era cinza, nem triste: “Era Totó que fazia Dorothy rir, e livrava-a de ficar tão cinza como tudo em volta [...] Totó brincava o dia inteiro, e Dorothy brincava com ele, e amava-o muito” (BAUM, 2000, p.10).

A jornada de Dorothy parte de uma situação real. Após um ciclone, ela, sua casa e seu cachorro vão parar na fantástica Terra do Oz, onde as coisas são alegres, coloridas, bonitas e mágicas. Os tornados eram comuns em Kansas, a casa dos tios de Dorothy tinha um “buraco pequeno, cavado no chão, chamado ‘porão do ciclone’, onde a família podia ficar no caso de surgir um daqueles furacões, fortes o bastante para destruir qualquer construção que estivesse em

seu caminho” (BAUM, 2000, p.9). Entretanto, neste dia “aconteceu uma coisa estranha. A casa girou sobre si mesma duas ou três vezes e levantou-se lentamente no ar. Dorothy sentiu-se como se estivesse subindo num balão” (BAUM, 2000, p.11).

A partir de tal situação, a heroína afasta-se do real, começando assim a sua jornada exterior e interior, no terreno do maravilhoso. A busca heróica é uma busca solitária, porém Dorothy tem a companhia de Totó, que ajuda nessa descoberta de si mesma e nos percalços de sua trajetória.

“Apesar do barulho do vento e do balanço da casa, Dorothy fechou os olhos e dormiu profundamente” (BAUM, 2000, p.12), eis a passagem do real para a fantasia, marcada no final do primeiro capítulo, estabelecendo o pacto com o leitor sobre o intercâmbio entre realidade e fantasia desde o início da obra.

Ao chegar à Terra do Oz, Dorothy é muito bem recebida pelos Munchkins, já que sua casa matara uma Bruxa Má, que os escravizava até então. O herói dos contos de fadas é sempre alguém exemplar, Dorothy não poderia ser diferente, ela é um “poço de qualidades”: pacífica, inocente e incapaz de matar alguém. Mesmo sem a intenção, ela consegue matar a Bruxa Má e salvar o povo escravo:

- Seja bem-vinda, nobre feiticeira, à terra dos Munchkins. Estamos muito agradecidos a você por ter matado a Bruxa Malvada do Leste e por ter libertado este povo do seu jugo.

Dorothy ouviu isso espantada. Por que a mulherzinha a estaria chamando de feiticeira e por que dizia que matara a Bruxa Malvada do Leste? Dorothy era uma menina inocente e pacífica, que fora carregada para milhas e milhas de distância de sua casa; e em toda a sua vida nunca matara nenhum ser vivo. (BAUM, 2000, p.15)

O espaço em que a heroína encontra-se é muito diferente do lugar de onde veio, há um contraste fortemente marcado no conto, revelando o desejo inconsciente da menina de viver em um lugar diferente da sua realidade:

A menina deu um grito de admiração e olhou em volta, com os olhos esbugalhados diante da beleza da paisagem. O ciclone tinha colocado a casa, de forma muito suave para um ciclone, numa região de maravilhosa beleza. Havia encantadores gramados verdes por toda a parte, com árvores imponentes carregadas de frutas suculentas e deliciosas. Por toda a parte havia escarpas com flores belíssimas e pássaros com plumas raras e brilhantes cantavam e assobiavam nas árvores e arbustos. Logo ali adiante um riachinho de águas brilhantes corria entre as margens verdes murmurando de forma muito agradável **para uma menina que passara a vida em secas e cinzentas campinas.** (BAUM, 2000, p.14 – grifo nosso)

Dorothy fixa-se na idéia de voltar ao Kansas de qualquer jeito, preocupada que está com a tia e com a repercussão de seu sumiço. Mas, para isso, ela precisa percorrer um caminho, que não

é aleatório, um trajeto que é fruto de suas escolhas. Dorothy percorre o trajeto que a Bruxa Boa aconselhou – ir à Cidade de Esmeralda pedir ajuda ao grande e terrível Mágico de Oz:

Como posso chegar lá? – perguntou Dorothy.
Você vai ter que ir andando. É uma longa viagem por uma região que em alguns lugares é agradável, mas em outros é escura e terrível. Mas vou usar todas as mágicas que conheço para protegê-la. (BAUM, 2000, p.20)

Protegida pela Bruxa, a heroína carrega consigo a marca do beijo na testa e calça os Sapatos mágicos da Bruxa Má, que morrera esmagada pela casa.

Segundo Lutz Müller, todos nós nascemos para sermos heróis mas, para isso, é preciso coragem, audácia e um risco constante: “seja fiel a si mesmo e assuma a responsabilidade pela sua vida” (MÜLLER, 1987, p.39). Dessa forma, é preciso atrever-se a viver a vida. Dorothy decide fazer essa caminhada em busca de seu desejo, voltar ao Kansas, à sua família, arriscando-se no percurso necessário de autoconhecimento, de compreensão do mundo, numa travessia individual, realizando, assim, o seu rito de passagem.

Carol Pearson observa que a jornada é inerente à nossa espécie. O herói inicia uma busca solitária, enfrenta a morte em vida, depara-se com o dragão e precisa derrotá-lo, correndo riscos, experimentando a vida, descobrindo a si mesmo e mudando o mundo. Para Pearson, não matar o dragão é interiorizar o ímpeto e matar a si próprio. Caso contrário, o herói que encara essa trajetória, no final, tem, como recompensa, um sentimento de comunhão consigo, com os outros e com a Terra (cf. PEARSON, 1986, p.25-29).

Em *O Herói Interior*, Pearson distingue seis tipos de arquétipos que orientam a nossa vida: Inocente, Órfão, Nômade, Guerreiro, Mártir e Mago. Todos nós temos uma jornada a seguir, um percurso heróico de amadurecimento e autoconhecimento, uma busca solitária onde deparamos com o dragão e temos de derrotá-lo. Durante essa trajetória, trabalhamos com os diferentes tipos de arquétipos que marcam a nossa jornada, ajudam-nos a encontrar as nossas vozes, os nossos talentos e, assim, contribuímos com o mundo (cf. PEARSON, 1986).

A menina Dorothy, logo no início da narrativa, trabalha com o arquétipo do Mago. O Mago, segundo Pearson, aprende que não somos vítimas da vida, e sim, parte da expansão de Deus. “Os magos lutam para viver em harmonia com os mundos super-natural e natural, o que exige totalidade e equilíbrio interiores” (p.161). Dessa forma, “em vez de lutar contra a impotência, a solidão, o medo ou a dor, o Mago aceita-os como parte da vida e assim se abre para a descoberta das lições que a vida nos tem a ensinar” (p.169). Dorothy é uma criatura

pluridimensional e trabalha com diversos tipos de arquétipos. Podemos notar que, no primeiro capítulo, a heroína ao sentir o ciclone que acabava com tudo, venceu o medo e resolveu manter a calma, esperando para ver o que o futuro lhe reservava:

As horas foram se passando e aos poucos Dorothy venceu o medo; mas ela se sentia completamente só, e o barulho do vento era tão alto que ela quase ficou surda. No começo ela se perguntou se não ia se quebrar toda quando a casa caísse no chão. Mas como o tempo passava e não acontecia nada de terrível, ela parou de preocupar-se e resolveu esperar calmamente para ver o que o futuro lhe reservava. Finalmente ela rastejou no assoalho ainda oscilante, chegou até a cama e deitou; Totó foi atrás dela e deitou-se ao seu lado. (BAUM, 2000, p.12)

Dorothy também trabalha com o arquétipo do Nômade, pois inicia a tarefa de se perceber separada dos outros. Sua ação heróica é o ato de deixar uma situação opressiva e partir sozinha para enfrentar o desconhecido. Essa partida se realiza através do maravilhoso. A sua casa, como um balão, vai parar numa terra encantada e diferente de tudo aquilo que vivia até então. O seu primeiro desejo é voltar à sua terra de origem, Kansas, ignorando o novo mundo ao seu redor, temendo enfrentar o desconhecido. Ao longo do percurso, para atingir o seu objetivo inicial, ela precisa vencer etapas, como o caminho longo e, muitas vezes perigoso, para falar com o mágico de Oz, na esperança de que seu desejo de retorno seja realizado.

Durante o seu percurso, a heroína encontra três companheiros que decidem acompanhá-la na jornada, a fim de falar com o Mágico de Oz e obter o que necessitam. O primeiro que ela encontra é o Espantalho. Este Espantalho é um elemento maravilhoso, pois estamos num ambiente encantado, num espaço trans-real, no qual acontecem coisas que não aconteceriam em Kansas:

Dorothy apoiou o queixo na mão e olhou pensativamente para o Espantalho. Sua cabeça era um saquinho cheio de palha, com olhos, nariz e boca pintados para representar o rosto. Um chapéu azul, velho e pontudo, que pertencera a algum Munchkin, cobria sua cabeça. E todo o resto do seu corpo era um conjunto azul de peças gastas e desbotadas também recheadas de palha. Os pés eram calçados com botas velhas de couro azul, como as que eram usadas por todos os homens daquele lugar. O corpo, fincado numa estaca, levantava-se acima do milharal. Quando Dorothy estava olhando atentamente a estranha face do Espantalho, surpreendeu-se ao ver um dos olhos piscar devagarinho para ela. **A princípio pensou ter se enganado, pois os espantalhos do Kansas nunca piscavam;** mas agora o Espantalho fazia um aceno mistoso com a cabeça. (BAUM, 2000, p.24 – grifo nosso)

O Espantalho decide acompanhar Dorothy, ele necessita de um cérebro, sua cabeça é cheia de palha e não gosta de ser chamado de bobo, querendo, assim, ter um cérebro “para pensar direito”.

O segundo companheiro que a heroína resgata é o homem de lata. Ele está todo enferrujado, sem conseguir se mover, e a menina lubrifica suas articulações com óleo, libertando-o. O homem de lata está em busca de um coração:

Foi muito difícil suportar, mas durante o ano que passei aqui tive tempo de refletir que a maior perda que sofri foi o meu coração. Quando eu estava apaixonado, eu era o homem mais feliz do mundo. Mas ninguém pode amar se não tem coração, e por isso estou decidido a pedir a Oz que me dê um [...] Um cérebro não faz uma pessoa feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo. (BAUM, 2000, p.38-39)

O terceiro a seguir Dorothy é o Leão medroso. Ele decide pedir a Oz a coragem que falta ao rei dos animais.

Naturalmente todos os animais da floresta esperam que eu seja corajoso, porque em toda parte se pensa que o Leão é o rei dos animais. Aprendi que, se eu rugisse muito forte, todos os viventes se assustariam e fugiriam de mim. Toda vez que encontro um homem, tenho medo dele. Mas eu sempre solto meu rugido e ele foge o mais depressa possível [...] Esse é meu grande desgosto, e faz minha vida infeliz. Sempre que há um perigo, meu coração dispara. (BAUM, 2000, p.42)

Dorothy, Totó e os três companheiros passaram por diversas peripécias e provações até conseguirem chegar à maravilhosa Cidade de Esmeralda do Mágico de Oz. Depois de muito custo, conseguiram falar com o Mágico de Oz e, este, para frustração de todos, só realizaria os desejos solicitados (coragem para o Leão, coração para o Homem de Lata, cérebro para o Espantalho, e o caminho de volta ao Kansas para Dorothy) se a Bruxa Malvada fosse destruída. Eles decidem cumprir, então, a condição imposta pelo Mágico de Oz:

Ficou decidido que partiriam na manhã seguinte, e o Homem de Lata afiou seu machado numa pedra de amolar verde e lubrificou todas as suas juntas. O Espantalho encheu o próprio corpo com palhas novas e Dorothy pintou os olhos dele novamente, para que ele enxergasse melhor. A moça verde, que era muito bondosa com eles, encheu a cestinha de Dorothy com comidas gostosas e amarrou uma sineta no pescoço de Totó com uma fita verde. (BAUM, 2000, p.81)

Uma nova busca é instaurada na trajetória heróica de Dorothy. Ela e seus amigos partem em busca da Bruxa Malvada. Novamente, é preciso vencer alguns obstáculos, algumas dificuldades impostas pela Bruxa; o Homem de Lata mata com seu machado quarenta lobos; o Espantalho torce o pescoço de quarenta corvos; Homem de Lata e Espantalho salvam Dorothy, Totó e Leão das abelhas; o Leão ruge e apavora os Winkies. Assim, “os lobos ferozes, os corvos selvagens e as abelhas tinham sido dizimados e seus escravos afungentados, só lhe restava uma maneira de destruir Dorothy e seus amigos” (p.87). A Bruxa Malvada recorreu aos poderes do Capuz de Ouro e os macacos alados obedeceram ao seu pedido:

Alguns macacos pegaram o Homem de Lata e carregaram-no pelo ar até um lugar cheio de rochas pontudas. Ali eles jogaram o pobre Homem de Lata, que caiu de grande altura

sobre as rochas, onde ficou tão avariado que não podia mover-se sem gemer. Outros macacos pegaram o Espantalho e com suas unhas compridas tiraram toda a palha do seu corpo. Fizeram uma trouxinha com o chapéu, as roupas e os sapatos e jogaram-na no alto de uma árvore. Os outros macacos envolveram o Leão com cordas, dando muitas voltas em seu corpo, cabeça e pernas, até que ele ficou impossibilitado de morder, dar patadas ou lutar. Depois voaram com ele até o castelo da Bruxa e colocaram-no num pátio com um cercado de ferro tão alto que ele não podia fugir. (BAUM, 2000, p.87-88)

Dorothy não sofreu nenhum mal, pois tinha a marca de heroína, a proteção da Força do Bem: “mas ele viu a marca da Bruxa Boa na sua testa e parou, ordenando aos seus companheiros, através de gestos, que não tocassem nela” (2000, p.89). Dorothy possuía os Sapatos encantados, mas era ignorante de seus poderes. A Bruxa logo percebeu a alma simples e ingênua da menina, que desconhecia o extraordinário poder dos Sapatos. Entretanto, sem saber que a água poderia destruir a Bruxa, Dorothy irritada com a situação, despejou um balde de água sobre a bruxa, molhando-a das cabeças aos pés, e assim, dissolvendo a Bruxa Malvada:

- Bem, em poucos minutos vou me dissolver inteira e o castelo será seu. Sempre fui má, mas nunca pensei que uma garotinha como você poderia me derreter e acabar com minhas más ações. Veja... aqui vou eu!

Com essas palavras a Bruxa transformou-se numa pasta marrom e informe e começou a se espalhar pelas limpas pranchas do assoalho da cozinha. Vendo que a Bruxa dissolvera, Dorothy jogou mais um balde de água naquela sujeira. Depois ela varreu tudo para fora, pegou o sapato de prata, a única coisa que restara da velha, limpou-o e secou-o com um pano e pôs nos pés novamente. Então, finalmente livre para fazer o que quisesse, correu para o pátio para dizer ao Leão que a bruxa morrera e que agora eles não eram mais prisioneiros em terra estranha. (BAUM, 2000, p.92)

Novamente, sem a intenção de matar a Bruxa, pois como heroína exemplar ela não poderia ter ímpetos desse tipo, Dorothy salva o mundo ao seu redor. Ela mata as duas Bruxas: a primeira com a casa, que a esmagou; e a segunda com um banho de água. No seu percurso heróico, ela mata os dragões, afetando e modificando o mundo, como o arquétipo do Guerreiro. As virtudes que o herói aprende em cada procedimento, de acordo com Carol Pearson, envolvem certo grau de dor e de luta. Pearson afirma que:

Todos somos apenas um; enquanto não realizarmos todos nós as nossas jornadas, não encontramos as nossas vozes, os nossos talentos, não oferecemos a nossa contribuição única ao mundo, e nos sentiremos cada vez menos vivos – mesmo os mais privilegiados entre nós. Ninguém pode beneficiar-se verdadeiramente e durante muito tempo às custas de outra pessoa. (PEARSON, 1986, p.27)

Dessa forma, Dorothy realiza a sua jornada, vence os seus dragões, realiza uma busca de si, desenvolvendo um processo contínuo de autoconhecimento. Ela não é uma heroína egoísta, à medida que intenciona voltar para casa, o faz pensando única e exclusivamente em seus tios, que deveriam estar apreensivos com a sua ausência: “Estou ansiosa para voltar para minha tia e meu

tio, porque sei que eles vão ficar preocupados comigo. Vocês podem me ajudar a achar o caminho?” (BAUM, 2000, p.18). Assim, Dorothy desempenha, também, o papel de Mártir, que aprende a amar, a comprometer-se e a renunciar (cf. PEARSON, 1986, p.39).

Carol Pearson observa que somos criaturas multidimensionais e trabalhamos com diferentes tipos de arquétipos nas diferentes áreas de nossas vidas. Passamos por um processo de amadurecimento contínuo e, por mais que tentemos evitar a busca do herói dentro de nós, Pearson afirma a impossibilidade desta fuga:

Se não tivermos a coragem de empreendê-la, ela vira ao nosso encontro. Embora possamos empenhar-nos em evitar o sofrimento, as aflições e contendas inevitáveis, a vida acabará por conduzir-nos à Terra Prometida, e ali poderemos ser verdadeiramente prósperos, amorosos e felizes. A única saída é atravessar todos esses estágios. (1986, p.51)

Os três companheiros de Dorothy funcionam como um desdobramento simbólico da própria heroína em personagens – Leão Medroso, Homem de Lata e Espantalho. No seu percurso de autoconhecimento e amadurecimento, Dorothy conquistou aquilo que buscava: a coragem, o amor e a razão. As três abstrações ganham forma objetiva, concreta, através das três personificações.

Ao final do conto, quando Dorothy e os amigos chegam à Terra do Oz e cobram o prometido pelo Mágico, uma vez que a última Bruxa Malvada estava morta, eles descobrem que o Mágico de Oz não existia, ele era apenas um homem comum, sem poderes, que vivia isolado com medo de ser descoberto pelo povo. A sua fama de grande e terrível Mágico era uma farsa, assim como a Cidade de Esmeralda só era verde porque as pessoas usavam óculos que as faziam enxergar tudo verde. Eis o momento em que o conto de fadas nos traz de volta à realidade. Antes mesmo de Dorothy chegar ao Kansas, isto é, ao real, ao mundo civilizado desprovido de fadas, bruxas e mágicos, introduz-se o encerramento do ciclo da fantasia, o desfecho dado à história é um desfecho real ainda no espaço do maravilhoso. O “Mágico de Oz” prova para cada um dos companheiros de Dorothy que tudo o que eles precisam eles já o possuem.

O Leão já tinha a coragem necessária, que ele tanto queria. Durante o caminho que percorreu com os seus companheiros, percurso difícil e assustador, ele provou que era mais corajoso do que imaginava e que o que faltava mesmo era confiar em si próprio:

Com certeza você tem bastante coragem. Você só precisa de confiança em si mesmo. Não existe nenhum ser vivo que não tenha medo quando enfrenta o perigo. A verdadeira coragem é enfrentar o perigo mesmo tendo medo, e esse tipo de coragem você tem. (BAUM, 2000, p.110)

O Leão exemplifica o arquétipo do Órfão e, assim, conforme Pearson, “o mais importante de tudo é que o sofrimento nos ajuda a enfrentar nossos piores medos e assim nos libera da estagnação das formas inúteis, nas quais o Órfão procura a segurança” (PEARSON, 1986, p.78).

Assim como o Leão enfrentara dragões e obstáculos difíceis, o Mágico de Oz provou para o Espantalho que ele também não precisava de um cérebro, face às inúmeras experiências e provações que ele passara:

Você não precisa de um cérebro. Cada dia você aprende alguma coisa. Um bebê tem cérebro mas pouco sabe. A experiência é a única coisa que traz conhecimento e, quanto mais tempo você fica na terra, mais você adquire experiência. (p.110)

E, na opinião do Mágico de Oz, o Homem de Lata também não precisava de um coração. O único desejo mais difícil de realizar era a volta de Dorothy para casa. Esse era o único desejo não abstrato. Esse é um trajeto externo, que independe do amadurecimento interior, e por isso, era tão difícil para o mágico ajudar a realizá-lo sem os artifícios da magia:

- E como vou voltar para Kansas? – perguntou Dorothy.
- Vamos ter que pensar sobre isso – respondeu o homenzinho. – Dê-me dois ou três dias para estudar o assunto e vou tentar descobrir uma forma de levá-la sobre o deserto. Nesse meio tempo, vocês serão tratados como convidados meus e, enquanto viverem no palácio, meu povo cuidará de vocês e atenderá até ai menor de seus desejos. A única coisa que peço em troca é que mantenham em segredo o fato de que sou um impostor. Eles concordaram em nada dizer e voltaram para seus quartos muito animados. Até Dorothy tinha esperança de que o “Grande e Terrível Impostor”, como ela o chamava, iria achar uma forma de mandá-la de volta ao Kansas e, se ele o fizesse, ela perdoaria tudo. (BAUM, 2000, p.111)

A heroína consegue voltar para casa através dos poderes mágicos dos Sapatos de Prata que usara esse tempo todo. Os Sapatos de Prata tinham poderes extraordinários, com apenas três passos a menina poderia chegar a qualquer parte do mundo. Dorothy desconhecia esses poderes e, graças a essa ‘ignorância’, pode cumprir sua trajetória heróica, conquistando para si tudo aquilo que necessitava:

- Seus Sapatos de Prata vão transportá-la por cima do deserto – respondeu Glinda. – Se você soubesse de seus poderes mágicos, poderia ter voltado para o Kansas no mesmo dia em que chegou a esta terra.
- Mas se assim fosse eu não teria conseguido meu maravilhoso cérebro! – exclamou o Espantalho. – Eu iria passar minha vida inteira no milharal.
- E eu não teria meu maravilhoso coração – disse o Homem de Lata. – Iria ficar na floresta e enferrujar até o fim do mundo.
- E eu continuaria medroso – disse o Leão – e nenhum animal da floresta teria uma palavra amiga para me dizer. (BAUM, 2000, p.142)

O desdobramento simbólico de Dorothy nos três companheiros refletem a necessidade da heroína de um período de solidão para descobrir realmente quem ela é. Pearson observa que:

A não ser que consigamos admitir que não sabemos verdadeiramente quem somos e o que queremos, jamais saberemos quem somos e o que queremos se ficarmos sentados sem nada tentar. Por isso, às vezes, precisamos perambular um pouco em nossas jornadas a fim de crescer. Esse processo de ouvir nossos próprios desejos e de agir no sentido de realizá-los é fundamental para a construção de uma identidade. Chegamos a este mundo com uma identidade, só que se trata de uma identidade antes potencial do que plenamente desenvolvida. Descobrimos quem somos através daquilo que queremos, daquilo que fazemos e daquilo que sentimos e pensamos. (1986, p.95-96)

O Espantalho, o Leão e o Homem de Lata são os desejos de Dorothy, os quais ela consegue, agora, ouvir, entender e também realizá-los, a fim de crescer, de construir sua identidade e seguir sua jornada. Retomando as últimas palavras de Carol Pearson, “descobrimos quem somos através daquilo que sentimos”, através do coração que o desdobramento simbólico de Dorothy em Homem de Lata conquista; “daquilo que fazemos”, através da coragem representada pelo Leão não-mais-medroso; “e pensamos”, através do cérebro tão almejado e obtido pelo Espantalho. As três personificações objetivam aquilo que Dorothy busca na sua trajetória interior.

Dorothy teve que fazer esse percurso sozinha, porém o estar sozinha na trajetória heróica não é sinônimo de solidão, pois “quanto mais somos nós mesmos, menos sozinhos nos sentimos. Porquanto, nunca estamos realmente sozinhos quando temos a nós mesmos” (PEARSON, 1986, p.107). A heroína, em momento algum, sentiu-se sozinha, pois tendo a si mesmo desdobrou-se em mais três, mostrando que a solidão não fez parte do seu percurso.

De acordo com Carol Pearson, esse movimento de isolamento e de solidão, paradoxalmente, nos leva de volta à comunidade. Dorothy volta ao Kansas, em harmonia consigo mesma e com o universo. Ao chegar ao Kansas e avistar a ampla campina, percebe uma nova casa, construída pelo tio Henrique depois que o ciclone tinha carregado consigo aquela casa antiga. Uma nova casa simboliza uma nova vida depois de um percurso de amadurecimento, um novo olhar da heroína sobre a sua realidade e um novo ciclo vital que se inicia:

Tia Ema acabara de sair de casa para aguardar os repolhos quando levantou os olhos e viu Dorothy correndo em sua direção.

- Minha querida menina! – gritou ela, apertando-a nos braços e cobrindo-lhe as faces de beijos. – De que confins você veio?

- Da Terra de Oz – disse Dorothy gravemente. – E aqui está Totó também. Oh, tia Ema, estou tão contente de estar em casa novamente! FIM (BAUM, 2000, p.144)

Dorothy, como o arquétipo de Guerreira, aprendeu a confiar em suas próprias verdades e a agir de acordo com elas, com uma convicção absoluta ante o perigo. Ela assumiu o controle e a responsabilidade de sua própria vida:

O herói aprende, em última análise, não o conteúdo *per se*, mas um *processo* que se inicia com a consciência do sofrimento, passando então ao relato da história e ao reconhecimento, para si e os demais, de que alguma coisa é dolorosa. Surge assim a identificação da causa da dor e a ação apropriada para detê-la. O herói substitui a crença absolutista de que o extermínio do dragão solucionará todos os problemas para sempre pela convicção de que continuamos a matar dragões pelo resto da vida. Ele aprende que, quanto mais exterminamos, mais confiantes nos tornamos e, por conseguinte, menos violentos precisamos ser. (PEARSON, 1986, p.120).

Referências

BAUM, L. Frank. *O Mágico de Oz*. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

MÜLLER, Lutz. *O Herói*. Todos Nascemos para Ser Heróis. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1987.

PEARSON, Carol. *O Herói Interior*. Seis Arquétipos que Orientam a Nossa Vida. Trad. Terezinha Batista Santos. São Paulo: Cultrix, 1986.